



## **EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM CENTROS NÃO FORMAIS DE ENSINO: A PRESENÇA DO SOCIAL NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE OLINDA - PE**

LÍGIA MARIA PEREIRA LIMA

### **RESUMO**

Para agir no mundo e atuar para reverter a crise ambiental é preciso criar espaços democráticos de convivência e trabalho para trocar informações, apoios e soluções, também em ambientes de aprendizagem. Daí a importância de espaços que funcionem como centros integradores da comunidade escolar com a comunidade não escolar. Neste contexto, esta pesquisa partiu do seguinte problema: A prática de educação ambiental (EA) realizada em espaços não formais de ensino trabalham o fator social, econômico, político, cultural do ambiente? Para buscar respostas, utilizou-se o Centro de Educação Ambiental (CEA) da Prefeitura de Olinda-PE como objeto de estudo, tendo o objetivo geral de analisar a proposta de educação ambiental do CEA em seus aspectos sócio ambientais. Como objetivos específicos pretendeu-se: conhecer como são desenvolvidas as atividades de educação ambiental no CEA; identificar o entendimento sobre educação ambiental pelos agentes do CEA; identificar o tipo de formação, que os agentes do CEA receberam para trabalhar com a educação ambiental. Para isso, dados foram coletados através de observação direta e aplicação de questionários entre os agentes de educação ambiental. Como resultado, observou-se que a educação ambiental realizada no CEA é composta de ações pontuais voltadas para problemáticas ambientais específicas, como resíduos sólidos, propondo soluções individuais. A EA é vista pelos agentes como algo pontual e focado em aspectos do ambiente, sem conexão com a reflexão sobre sociedade. A formação diversa dos funcionários ajuda a trazer uma visão multidisciplinar para as questões, mas a falta de formação aprofundada em educação ambiental ajuda a manter as ações em um nível superficial, não trabalhando a EA de maneira ampla.

**Palavras-chave:** Educação ambiental; educação não formal; política pública.

### **1 INTRODUÇÃO**

Estamos vivendo uma crise social e ambiental nunca vista pela humanidade. Nosso modo de vida está inviabilizando o equilíbrio ambiental necessário para manter saudáveis os ecossistemas e a consequente continuidade na oferta de recursos naturais. Nossas escolhas trazem consequências previsíveis e imprevisíveis no ambiente, denotando a interligação de tudo que está na atmosfera terrestre. Não adianta mais estudar apenas biologia, mecânica ou ciências sociais, separadamente, é hora de mesclar, descompartimentar, miscigenar. Olhar o mundo como um todo unido e interdependente e aproximar o foco para cada vez mais perto de nossa realidade imediata, nosso país, nossa cidade, nossa comunidade, sem perder a ideia geral.

É de extrema necessidade o dar as mãos, o pensar em conjunto e o agir integrado para resolver os problemas que afetam a todos. A começar de uma pequena escala, mas de central

importância: a comunidade escolar. É preciso romper as amarras que separam todos os tipos de organização comunitária, voltadas apenas para si, e enfrentar a fragilidade dialógica de nossas escolas – pouco relacionadas com seu entorno – explorando sua capacidade de integração. Criar espaços democráticos de convivência e trabalho onde todas as esferas de representação possam trocar informações, apoios e soluções se revela urgente. Lançada a reflexão dessa necessidade, também vale destacar a importância de espaços que funcionem como centros integradores da comunidade escolar com a comunidade não escolar.

O centro de educação ambiental de Olinda é um exemplo de espaço, onde há a possibilidade de reunião de diversas instituições que tenha interesse em vivenciar práticas educativas, na área de educação ambiental. A característica primordial deste espaço, o qual pertence à Secretaria de Meio Ambiente Urbano e Natural da Prefeitura Municipal de Olinda, é a interação de uma equipe de profissionais multidisciplinares (agentes de educação ambiental) com a comunidade local.

Segundo Benevides (1996), a educação é uma poderosa ferramenta de transformação societária, na medida em que contribui para a mudança na visão de mundo de quem aprende e de quem ensina. É, portanto, um fator chave na busca pela mudança na forma como a humanidade se relaciona com o meio e na forma como os seres humanos se relacionam entre si, ao trabalhar atitudes e valores que busquem o equilíbrio social e ambiental.

A Educação ambiental é uma forma de pensar a educação em sinergia com as preocupações e demandas do ambiente e da sociedade. A constituição do Estado de Pernambuco diz, em seu capítulo IV, artigo 209: “Incumbe ao poder público promover a Educação Ambiental (EA) a todos os níveis de ensino, de maneira integrada e multidisciplinar, inclusive a Educação Ambiental da comunidade, objetivando capacitá-la para a participação ativa na defesa do meio ambiente” (PERNAMBUCO, 1999, p. 105).

Como pode ser observado pelo Censo da Educação Básica 2001/2004, a EA vem se consolidando nos estabelecimentos de ensino brasileiros, crescendo de 61,2%, em 2001, para 95%, em 2004, o número de escolas entrevistadas que afirmaram realizar atividades de Educação Ambiental (BRASIL, 2007). A preocupação diante desses dados está na qualidade da Educação Ambiental que está sendo realizada nas escolas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) chamam a atenção para a característica sistêmica, interdisciplinar, da Educação Ambiental, precisando ser realizada, na escola e fora dela, como tema transversal, um modo de pensar e unir o currículo à realidade do meio em que se vive (CASTRO, 2001).

Todavia, durante anos as ações escolares em EA foram e ainda são relacionadas apenas às disciplinas como biologia e geografia, visando tão somente à preservação do meio natural, muito raramente inserindo questões sociais, políticas, econômicas ou culturais na discussão, simplificando processos complexos e deixando de lado fatores que deveriam ser analisados em conjunto. O que acarretou, de acordo com Amaral (2007), prejuízos na construção da cidadania ambiental brasileira. No entanto, a educação ambiental também pode ser realizada em espaços não formais de educação, entendidos, neste trabalho, como espaços não escolares onde acontecem ações educativas. Os centros municipais de Educação Ambiental, como pontuado anteriormente, são exemplos deste tipo de espaço.

Neste contexto, o seguinte problema foi formulado para esta pesquisa: A práxis de educação ambiental realizada em espaços não formais de ensino trabalham o fator social, econômico, político, cultural do ambiente?

É importante que todo projeto depois de implantado passe por avaliações e reformulações, pois é o repensar que garante sua melhoria contínua, sua eficácia, sua evolução no sentido de atingir todos os seus objetivos já descritos e criar outros. Nasce aí a necessidade da análise como uma ferramenta que pode ajudar a elucidar questões não resolvidas e reconhecer falhas e avanços. Para buscar respostas para o problema, utilizamos o Centro de Educação Ambiental (CEA) da Prefeitura de Olinda-PE com o objetivo geral de

analisar a proposta de educação ambiental do CEA, Olinda, em seus aspectos sócio ambientais. Como objetivos específicos pretendeu-se:

1. Conhecer como são desenvolvidas as atividades de educação ambiental no CEA;
2. Identificar o entendimento sobre educação ambiental pelos agentes do CEA;
3. Identificar o tipo de formação, que os agentes do CEA receberam para trabalhar com a educação ambiental.

## **2 MATERIAIS E MÉTODOS**

A pesquisa foi realizada no Centro de Educação Ambiental – Espaço Bonsucesso (CEA), que está localizado na cidade de Olinda, PE. Trata-se de um local planejado pela Secretaria de Meio Ambiente Urbano e Natural de Olinda, visando promover um ambiente de pesquisa para a população. Para adquirir os dados necessários ao alcance dos objetivos deste trabalho foi realizada uma abordagem quanti e qualitativa, sendo utilizadas como ferramentas metodológicas a pesquisa bibliográfica referente ao tema e a aplicação de questionário semiestruturado a seis agentes de educação ambiental (dois assessores técnicos, dois chefes de departamentos, dois técnicos ambientais), além de observação direta.

Em um primeiro momento, para fundamentação teórica e respaldo na análise dos dados, foi realizada a pesquisa bibliográfica buscada em livros afins ao campo da educação ambiental, textos e documentos institucionais e sites oficiais dos governos federal, e estadual. Em um segundo momento, o levantamento dos dados foi feito através de trabalho de campo, o que, segundo Neto (1994), possibilita a aproximação do pesquisador com aquilo que deseja estudar, ao mesmo tempo em que aumenta seus conhecimentos acerca de tal objeto de estudo, ao partir da realidade específica em que este vive e atua. Nessa fase de trabalho de campo, foram aplicados questionários aos agentes de educação ambiental do Centro constando perguntas do seguinte tipo: na sua opinião, o que é educação ambiental? há quanto tempo você trabalha no CEA?

Os dados obtidos através das questões de múltipla escolha foram tratados com análise estatística simples para mensuração e classificação. Segundo Chizzotti (1995), tal processo simplifica a explicação dos dados ao dispô-los em gráficos, ampliando as possibilidades de correlacioná-los para comparar e analisar. As respostas às questões discursivas presentes nos questionários foram analisadas pelo método de análise de conteúdo, sendo classificadas por similaridade de discurso. A técnica de análise de conteúdo reduz a quantidade de informações contida no discurso, filtrando a comunicação de maneira a exaltar os aspectos relevantes ao estudo, ao mesmo tempo em que relaciona a influência do contexto cultural do informante em seu discurso (CHIZZOTTI, 1995).

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante a realização das atividades da equipe de educação ambiental do CEA, foi observado que o centro tem como enfoque principal a problemática dos resíduos sólidos, sendo ministradas capacitações sobre a política dos ‘3Rs’ os quais são apresentadas Práticas Ambientais, com o intuito de despertar a responsabilidade do cidadão, através da mudança de atitudes. Entre as práticas ambientais estão uma oficina de papel reciclado e a demonstração do processo de compostagem. Nessas atividades são discutidas as vantagens da reciclagem do papel como a redução das derrubadas de árvores, economia de água, energia na sua fabricação, economia de combustível além da preservação da natureza. Existe ainda as atividades do teatrinho e da contação de histórias para as crianças menores, onde a questão do lixo é abordada de forma lúdica.

Outra atividade do CEA é o Calendário Ecológico onde são desenvolvidos pelo menos

um tema ambiental por mês aproveitando as datas especiais como: dia da água (22 de março), dia da terra (22 de abril), dia das aves migratórias (08 de maio), dia de combate à desertificação (17 de junho), dia do manguezal (26 de agosto), dia da limpeza do litoral (18 de setembro), dia do rio (24 de novembro), dia da biodiversidade (29 de dezembro). Além de um evento - Semana do Meio Ambiente - em referência ao dia mundial do meio ambiente (05 de junho), uma data em que é dado muito destaque a Secretaria de Meio Ambiente Urbano e Natural, com mobilizações e parcerias que envolvem o público voluntariado, demais secretarias municipais, estaduais e ONGs nas atividades educativas, bem como ocorre a apresentação de trabalhos com a temática ambiental, por parte dos alunos de escolas da rede pública e privada.

Pelos dados obtidos através dos questionários, foi possível traçar um perfil simples da Educação Ambiental realizada no CEA e de seus agentes. Pelas respostas, observamos que os agentes de educação ambiental do CEA, são, em sua maioria, mulheres (67%) com mais de 50 anos (83%). Três deles (50%) estão no CEA desde sua fundação e outros 3 (50%) trabalham nesta função a menos de 4 anos. O perfil de público atendido é bastante diverso, sendo mais citado o trabalho com adolescentes e público adulto em geral.

Todos os participantes da pesquisa possuem educação superior, com formação em áreas diversas como pedagogia, matemática, arquitetura e engenharia florestal. Há um mestre em educação e dois especialistas na área ambiental. Nem todos possuem cursos específicos em Educação Ambiental: apenas 4 dos respondentes (destes, dois realizaram o curso no ano passado). No entanto, todos responderam que consideram sua formação suficiente para trabalhar com a EA.

Em relação aos temas trabalhados nas ações em EA realizadas no CEA, os mais citados foram Reciclagem, Poluição e Sustentabilidade, com 11% das respostas, cada um. Os temas menos citados foram Participação Social (4%) e Aspectos da Economia (0%). Quando perguntados se há algum tema que os participantes consideravam importante, mas que não eram trabalhados na CEA, houve uma resposta negativa de dois dos respondentes (33%). Um respondente (17%) afirmou que seria possível trabalhar qualquer tema se houvesse apoio e estrutura. Os outros três respondentes (50%) citaram os temas: Ação com participação direta da sociedade; Cidadania na ecopedagogia; Resiliência / capacidade de suporte.

Quando perguntados sobre o que eles acham que seja a Educação Ambiental, quatro participantes (67%) demonstraram entender que a EA se constitui um processo educativo contínuo. Um dos respondentes (16%) citou a EA como disciplina obrigatória e um (16%) citou a EA como processo de sensibilização. Todas as respostas versam sobre uma Educação Ambiental com o objetivo de mudança de comportamentos e atitudes, de maneira a se atingir um maior equilíbrio ambiental, refletido no cuidado com o planeta e na melhoria da qualidade de vida. Apresentamos abaixo algumas frases citadas:

Participante 1: “sensibilização para mudança de hábitos optando por práticas sustentáveis”

Participante 3: “Processo educativo que reflete sobre as questões ambientais e o comportamento humano.”

Quando questionados sobre a importância da educação Ambiental para a sociedade, todos apresentaram uma resposta positiva. Na justificativa, três participantes (50%) citaram a necessidade de aprender a se respeitar o meio ambiente e sua capacidade de suporte. Os outros três participantes (50%) citaram em sua justificativa a necessidade da sensibilização, principalmente para a mudança de hábitos (de consumo, por exemplo). Como exemplo apresentamos as frases abaixo:

Participante 1: “Para evitar agressões ao meio ambiente, em favor do planeta”.

Participante 6: “para esclarecer as consequências das atitudes erradas e sensibilizar quanto a mudança de hábitos.”

Ao responderem a questão sobre a possibilidade da Educação Ambiental contribuir para a sustentabilidade sócio ambiental, apenas um participante (17%) respondeu de maneira negativa, porém de maneira contraditória, justificando ser, a EA, uma forma de se alcançar a sustentabilidade, como podemos ver na frase transcrita abaixo:

Participante 4: P4 - “Não. A EA não é uma questão de contribuição e sim um dos caminhos em busca da sustentabilidade assim como a vontade política, investimentos e projetos na temática dos 3Rs.”

Dos outros cinco respondentes, três (60% das respostas afirmativas) argumentaram citando a importância da EA na mudança comportamental e de atitude na sociedade, como mostra a frase transcrita abaixo:

Participante 6: “Sim, devido aos esclarecimentos, as reflexões sobre nossas atitudes e divulgação de práticas adequadas para as ações do dia a dia.”

Pelos dados, percebemos que o perfil de público atendido pelo CEA é bastante diverso, exigindo uma diversificação em suas ações, para que atendam desde crianças à adultos e educadores. um pouco dessa diversificação pôde ser observada nas atividades citadas pelos participantes da pesquisa, desde oficinas de reciclagem à palestras e cursos de capacitação. Porém, a formação dos agentes se mostra bastante incipiente, principalmente no tocante à Educação Ambiental, o que sugere uma base teórico prática insuficiente para o trabalho aprofundado no tema, principalmente para as ações de capacitação, que necessitam de uma base sólida para alcançar os objetivos de orientação em EA para o público educador.

Apesar da pouca quantidade de cursos específicos em Educação Ambiental, cabe a cada um o trabalho pessoal de aprendizado, que pode ser feito por outros meios não acadêmicos. Porém, os limites do conhecimento teórico-prático neste tema se mostram nas falas dos participantes quando conceituam a EA, trazendo elementos insuficientes para descrever sua profundidade e pertinência de seus saberes.

Apesar de reconhecerem a EA como um processo contínuo de aprendizado, sempre em movimento, a relacionam apenas com o cuidado pelo meio natural, objetivando a mudança de comportamentos e atitudes frente à natureza apenas. A forma como descrevem as principais atividades realizadas pelo CEA e os temas trabalhados corroboram esta visão superficial da EA ao tratarem do repasse de metodologias, comportamentos, sem interligação com temas de sociedade, relativos à forma como os seres humanos se relacionam entre si, seus meios de produção e os impactos que esta relação ocasiona no meio.

Quando o pensamento em EA não leva em consideração eu aspecto social, limita o educador ambiental, que não consegue fazer as ligações entre as crises ambiental e social e, portanto, não consegue refletir sobre as causas basais que levam à destruição dos recursos naturais, travando seu desenvolvimento (BEZERRA, 2008).

Os resultados desta pesquisa demonstram uma tendência, nos centros de educação não formal, correspondente ao perfil de Educação Ambiental que é realizado na educação básica no Brasil. De acordo com pesquisa realizada pelo MEC, através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, a maior parte dos trabalhos em Educação Ambiental é aplicada na modalidade de projetos, ações pontuais, ficando restrito à temas naturais, pouco relacionados com o fator social inerente à relação sociedade-ambiente (BRASIL, 2007).

O problema ambiental pelo qual passamos é complexo e envolve economia, política, tecnologia, atitudes, comportamentos, cultura. Por isso é necessário entender a dinâmica da sociedade em suas diversas facetas para melhor entender a crise ecológico-humanitária de forma a pensar e trabalhar em alternativas (LOUREIRO, 2012).

Para construir este pensar sistêmico, é importante que a Educação Ambiental trabalhe as ligações entre economia, ecologia e cultura, ampliando as noções de sociedade e ambiente, de maneira que não sejam vistas como aspectos independentes um do outro. A educação

ambiental busca, de fato, compreender as relações entre sociedade e natureza e intervir nos problemas e conflitos ambientais. Nesse sentido, o projeto político-pedagógico de uma educação ambiental crítica poderia ser sintetizado na intenção de contribuir para uma mudança de valores e atitudes, formando um sujeito ecológico capaz de identificar e problematizar as questões socioambientais e agir sobre elas. (CARVALHO, 2006, p. 156).

De acordo com o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (Brasil, 2005), a EA, trata de temas diversos, traçando uma teia complexa que envolve temas como direitos humanos, uso racional de recursos naturais, democracia, e pressupõe o trabalho diário para a retomada da cultura de solidariedade, cooperação e diálogo, de maneira a estimular o pensamento crítico, sendo um ato político.

A práxis da EA é, portanto, um ato transformador. Unindo ação e reflexão, impede, por um lado, o imobilismo causado pelo simples pensar (trabalho teórico), muitas vezes dissociado do contexto em que o pensador vive, e, por outro, a ação sem reflexão (trabalho prático), que geralmente não consegue atingir o cerne dos problemas, mantendo longe as soluções efetivas. A harmonia entre o agir e o pensar é que possibilita a práxis em EA (GUIMARÃES, 2001)

A EA busca, por fim, a efetiva inserção do indivíduo na sociedade enquanto o instiga a sempre questioná-la, tanto no agir individual, através da mudança de comportamentos particulares em sua relação com o meio, quanto no agir coletivo, através da construção de uma consciência crítica que busca valores universais de solidariedade e responsabilidade social (LIMA, 1984).

#### 4 CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscou-se entender se a práxis de educação ambiental realizada em espaços não formais de ensino trabalham o fator social, econômico, político, cultural do ambiente, tendo a proposta de educação ambiental do Centro de Educação Ambiental (CEA) da Prefeitura de Olinda-PE como objeto de estudo. Para isso, dados foram coletados através de observação direta e aplicação de questionários entre os agentes de educação ambiental.

Como resultado, observou-se que a educação ambiental é vista pelos agentes como algo pontual e focado em aspectos do ambiente, sem conexão com a reflexão sobre sociedade. A formação diversa dos funcionários ajuda a trazer uma visão multidisciplinar para as questões, mas a falta de formação aprofundada em educação ambiental ajuda a manter as ações em um nível superficial, não trabalhando a EA de maneira ampla.

A realização desse trabalho traz uma significativa contribuição para o meio acadêmico pelo acréscimo de informações acerca do modo e da qualidade da educação ambiental praticada nos centros não formais de ensino, tendo em vista o fator social da EA. Informações estas que poderão servir ao aperfeiçoamento da práxis da EA em Olinda, cooperando também para a melhoria do próprio projeto educacional no Centro de Educação Ambiental, cuja análise facilita e propicia mudanças no sentido de sua melhoria contínua.

#### REFERÊNCIAS

AMARAL, M. T. do. A dimensão ambiental na cultura educacional brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 88, n. 218, jan./abr. 2007.

BENEVIDES, M. V. de M. Educação para a democracia. **Lua Nova**, São Paulo, n.38, dez. 1996.

BEZERRA, T. M de O; et al. Percepção ambiental de alunos e professores do entorno da

estação ecológica de Caetés – Região Metropolitana do Recife, PE. **Biotemas**, v. 21, n. 1, p. 147-160, março. 2008.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Ministério da Educação. Coordenação Geral de Educação Ambiental. **Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA**. 3. ed. Brasília: MMA;MEC. 2005. Anexo 1. p. 57-63.

. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação na diversidade: o que fazem as escolas que dizem que fazem Educação Ambiental**. Brasília: MEC, 2007.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CASTRO, R. S. de. **A formação de professores em Educação Ambiental possibilita o exercício desta no ensino formal?** In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Panorama da Educação Ambiental no Ensino Fundamental. Brasília: MEC; SEF. 2001. p. 49-53.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

LIMA, M. J. A. **Ecologia humana: realidade e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1984.

LOUREIRO, C. F. B. **Sustentabilidade e educação: um olhar da ecologia política**. São Paulo: Cortez, 2012.

NETO, O. C. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 24<sup>o</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1994. cap. 3, p. 51 – 66.

PERNAMBUCO. Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco. **Constituição do Estado**. Recife, 1999.